

TESSITURAS DA ARTE EPISTOLAR NO CONTO RUFFATIANO “CARTA A UMA JOVEM SENHORA”

Daniele Cristina da Silva¹

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise do conto *Carta a uma jovem senhora*, de Luiz Ruffato, sob a perspectiva da literatura epistolar e memorialística. As análises fundamentam-se nos postulados teóricos de Diaz (2002), Olmi (2006), Rocha (2012) e Lejeune (2008) acerca das missivas e textos memorialísticos. Apesar das peculiaridades teóricas, as discussões convergem para uma perspectiva de escrita que é o alicerce do conto analisado. Trata-se da escrita como retomada do passado, visando à compreensão do presente numa expectativa de construção do futuro.

Palavras-chave: literatura; conto; memórias.

TESSITURA OF EPISTOLARY ART IN “LETTER TO A YOUNG LADY” BY LUIZ RUFFATO

Abstract: This paper proposes an analysis of the short story *Letter to a Young Lady*, by Luiz Ruffato, from the perspective of memoirs and epistolary text. The analysis is based on the theoretical postulates of Diaz (2002), Olmi (2006), Rocha (2012) and Lejeune (2008), about the letters and memories texts. Despite the theoretical peculiarities, discussions converge to a prospect of writing that is the foundation of the analyzed tale. Despite the theoretical peculiarities, discussions converge to a prospect of writing as resumption of the past to understand the present from the perspective of building the future.

Keywords: literature; tale; memories.

No decorrer da história da literatura, os textos autobiográficos sempre estiveram presentes, ora considerados como literatura, ora descartados desse conjunto. Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (1994) apresenta a Literatura de Informação como as primeiras manifestações literárias em terras brasileiras. Estes registros apresentam a visão do mundo e da linguagem dos primeiros observadores portugueses, cronistas e viajantes

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT; Professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Tangará da serra, MT, Brasil. daniele.silva@tga.ifmt.edu.br

dos séculos XVI e XVII, sobre as terras brasileiras. Dentre eles, ganham destaque os registros de Pero Vaz de Caminha que, sob ordem do rei português D. Manuel, descreveu em suas cartas a nova terra e os escritos jesuítas, com ênfase para os sermões de Padre Antônio Vieira.

Já no início do século XX, no Pré-modernismo, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, apresenta-se como obra híbrida. Caráter advindo da complexidade da obra em ser classificada como ficção histórica, sociológica, antropológica ou literária. Contudo, não há como negar o seu enquadramento em duas grandes vertentes, do romance e da história.

Para Terry Eagleton, em *Teoria da Literatura: uma introdução*, muitas são as tentativas de definir literatura. A definição de literatura como uma escrita “imaginativa”, ou seja, como ficção, encontra impasses, por exemplo, na literatura inglesa do século XVII que inclui Shakespeare, Webster, Marel e Milton, assim como ensaios de Francis Bacon, sermões de John Donne, autobiografia espiritual de Bunyan e os escritos de Sir Thomas Browne. A literatura francesa desse mesmo período conta com Corneille e Racine, mas também com as máximas de La Rochefoucauld, os discursos fúnebres de Bossuet, o tratado de poesia de Boileau, as cartas de Mme. de Sevigné e a filosofia de Descartes e Pascal. Eagleton conclui que a literatura não pode ser definida pelos aspectos “fato” e “ficção”, ou seja, pelo caráter ficcional ou imaginativo, mas por empregar a linguagem de uma forma peculiar (EAGLETON, 2003, p. 1).

No século XX houve a presença marcante do romance de introspecção psicológica, impulsionado pelos pressupostos filosóficos de Henri Bergson de que a consciência está em constante fluência, arrastando sensações do tempo presente, memórias do passado e anseios do futuro. Percorrendo pela estética do tempo como reminiscências, encontramos diversos escritores, tais como James Joyce (1882-1941), considerado o pai da ficção modernista, Marcel Proust (1871-1922) que contribuiu para a técnica do tempo psicológico, Virgínia Woolf (1882-1941) com explorações das regiões mais obscuras da alma, Clarice Lispector (1925-1977), excelência da literatura brasileira no que confere ao monólogo interior e à transposição do psicológico para o metafísico.

Dentre os gêneros que trabalham com a introspecção psicológica encontra-se a correspondência. Texto este que apresenta duplo papel para o emissor no momento da escrita, falar de si e consigo mesmo.

Segundo Diaz (2002, p. 81), pesquisadora francesa, a correspondência apresenta um duplo benefício: entreter um diálogo com o outro e promover um encontro com nós mesmos.

Trata-se de um processo analítico de autorreflexão pelo qual passa o escritor no momento da escrita.

Em *A escrita de si*, Foucault resgata a informação de que nos séculos I e II a correspondência figurava ao lado da *hypomnemata* (cadernos pessoais utilizados como espécie de agenda para registro de memória material das coisas lidas ou ouvidas), permitindo a constituição de si mesmo a partir do exercício de leitura, releitura e escrita. Nas palavras de Foucault a correspondência funciona como “um adestramento de si por si mesmo”, mas constitui também “uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros” (FOUCAULT, 1992, p. 149). A correspondência, centrada no dialogismo, é construída com base na “reciprocidade” entre remetente e destinatário e evoca o hábito de “passar em revista o seu dia” promovendo um exame de consciência que atribui ao missivista o papel de inspetor de si mesmo (p.151).

A missiva do conto *Carta a uma jovem senhora*

O título do conto ruffatiano, *Carta a uma jovem senhora*, já sinaliza a presença do gênero epistolar, relevante em diversas produções literárias, como em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, onde o narrador-personagem observa que a protagonista Macabéa “nunca recebera uma carta em sua vida” (LISPECTOR, 1998). O motivo da pobre retirante nordestina jamais ter recebido missivas deve-se a sua própria condição afetiva, social e psicológica. Faz parte do inconsciente coletivo que receber missivas representa ser lembrado, ser importante para alguém. É provável que hoje em dia as mensagens virtuais realizem essa função. No entanto, as missivas não morreram e sua importância e significado permanecem vivos na memória coletiva. Prova disto é que o leitor de *A Hora da Estrela* é capaz de visualizar Macabéa como uma pessoa esquecida pela sociedade pelo fato de não receber cartas.

Na análise do conto *Carta a uma jovem senhora* o cerne das discussões sobre o gênero epistolar é transferido do plano histórico/informativo para o plano literário. O conto é observado sob uma perspectiva discursiva da prática memorialista e confessional de um “eu” em situação fragmentada.

O protagonista do conto é um homem que escreve uma carta a uma “jovem senhora”. A estrutura do conto ocasiona, a princípio, um incômodo no leitor, por não ser uma narrativa

linear, provocando-lhe certa inquietação. No entanto, o recurso estilístico da narrativa não linear não prejudica a compreensão da história.

O passado do protagonista é retomado por suas próprias lembranças, pela carta que escreve a Laura e pela voz do narrador onisciente. As vozes são marcadas por diferentes grafias das letras, o que facilita a identificação dos discursos por parte do leitor. Há, por exemplo, um tipo de grafia para a transcrição da voz do narrador quando narra fatos no presente; outro tipo de grafia quando se trata da narração de fatos ocorridos no passado sobre a adolescência de João; outro para as transcrições dos próprios pensamentos de João; e outro tipo ainda para o discurso que se refere à transcrição do texto da carta que o protagonista escreve para Laura.

No conto *Carta a uma jovem senhora* a autorrepresentação está em jogo, pois o fio condutor da narrativa é o próprio processo de narrar experimentado pelo protagonista ao expor suas memórias por meio do gênero confessional carta. Há, portanto, no conto um jogo metalinguístico. Chalhub (1986, p. 27) observa que “a função metalinguística pode ser percebida quando, numa mensagem, é o fator código que se faz referente, que é apontado”. Portanto, o *corpus* desta análise é o conto e não a carta, no entanto, o processo de escrita da carta de João para Laura é o que conduz toda a narrativa do conto. Processo este que não se desenvolve sem algumas dificuldades. Os obstáculos são postos para o personagem autor da carta, pois ele é quem organiza a narrativa do seu próprio passado. Fatos do presente e do passado miscigenam-se a tal ponto que não há como estabelecer limites entre eles, o que provoca no personagem um incômodo ou um desassossego ao reelaborar seu próprio passado.

O destinatário de uma carta é o responsável pela modelagem do discurso. Sobre esse assunto, Rocha (2012, p. 24) afirma que o destinatário exerce certo “poder de regulação da escrita [...], pilar fundamental de uma conversa na qual está em cena a vontade de se dirigir ao outro para intimar um olhar para si”.

A carta é simultaneamente escrita de si e compreensão de si. Através dela o missivista desvenda-se e enfrenta questões que são suas, mas também do destinatário. Portanto, no conto de Luiz Ruffato, as questões narradas por João são suas e são, também, de Laura. No entanto, Laura, como destinatária da carta de João, é, aparentemente, uma desculpa para ele narrar sobre seus próprios sentimentos. Tanto é que Laura não recebe a carta, o que produz certo ruído na comunicação entre os personagens.

No entanto, como aponta Diaz, no âmbito da correspondência “é a nós mesmos que cultivamos como um jardim secreto” (DIAZ, 2002, p. 81). Nesse sentido a elaboração de uma carta é uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que entretém um diálogo com o outro é uma via que conduz para o encontro com o próprio eu que a escreve.

João, o missivista do conto, é o próprio protagonista da história narrada em sua carta. No espaço epistolar ele encontra-se consigo mesmo, permitindo uma autorreflexão sobre seu amor por Laura em um passado relativamente distante, mas que ainda se faz presente em suas memórias de forma pulsante, viva, inquietante, efervescente.

O processo de retomada do passado por meio da escrita gera imenso desconforto no personagem que, por diversas vezes, afastava-se da tarefa da escrita para fumar um cigarro ou beber um uísque. Essa luta, travada entre João, o bloco de papel de cartas e a caneta *bic*, representa, simultaneamente, a dificuldade e a necessidade que ele tem de lidar com seus próprios sentimentos e sensações.

Laura torna-se uma figura indispensável para que João pudesse reelaborar seu passado. Isso porque as recordações de uma pessoa são fundamentadas tanto em suas próprias lembranças como nas lembranças dos outros, conferindo-lhe, assim, maior confiança em relação às suas próprias recordações. Segundo Olmi, “escrever é um modo de ser e de estar na vida. Nossa vida sempre existe dentro de uma narrativa que dirigimos a nós mesmos ou a outros” (OLMI, 2006, pp. 23-4).

O conto em análise inicia-se com o vocativo “Laura,” personagem que é a suposta destinatária da carta que está sendo escrita por João. Na sequência, a carta é interpolada pelos questionamentos do protagonista quanto à forma adequada para dirigir-se a sua interlocutora: “Não, não, muito... íntimo...”. Os pensamentos de João são suspensos e um narrador onisciente informa ao leitor que “João empurrou a cadeira para trás, levantou-se” (RUFFATO, 2000, p. 83). A segunda tentativa de eleger um vocativo para a destinatária da carta também é frustrada. Após escrever “Prezada Senhora Laura,” João pensa “Não... não é isso... Senhora... Prezada Laura...”. Foi na terceira tentativa de iniciar a carta que João encontra um vocativo, talvez não o mais apropriado, mas que, no momento, pareceu-lhe razoavelmente adequado: “Prezada Laura”.

Então, inicia-se a narrativa: “Quando você receber essa carta, provavelmente não vai mais se lembrar de mim, afinal lá se vão *Quantos anos! Quantos anos?*”. Os pensamentos são suspensos pela voz do narrador que volta a um passado distante, época de colegiado vivida

por João e sua “turma” em Cataguases, Minas Gerais. É desse momento da sua vida que João sente saudades e consegue a resposta:

“[...] *Vinte anos!*”

O passado de João em Cataguases, narrado por uma voz onisciente, remete o leitor a uma experiência do cotidiano de jovens do interior mineiro. A “turma” que descobre que João estava escondido no porão da casa da Laura e recepcionam-no tipicamente à moda mineira: “[...] uma mesa enorme, repleta de doces (coco, pé-de-moleque, bom-bocado, quindim, abóbora, figo em calda), pães (de queijo, de canela, de sal, de forma), sucos (limão, laranja, quissuco de uva, morango e framboesa), queijo-minas e bolo de chocolate”. Desde então, João passara a fazer parte da turma que se reunia aos finais de semana, quando realizavam os “piqueniques, os banhos de cachoeira, a distribuição de comida, agasalho, e brinquedos na periferia da cidade, as visitas aos doentes no hospital” (RUFFATO, 2000, p. 92).

Assim, o leitor passa, aos poucos, a conhecer o cotidiano pacato vivenciado pelos personagens há vinte anos. Após a aula, Joãozinho, como era chamado na época do colegial, sempre se encontrava com Laura e, assim, fora cultivando o amor por ela. Fora, inclusive, capaz de vender seu “álbum de figurinhas completo, dois canos de chumbo no ferro-velho e um canário-belga, com gaiola e tudo, para comprar o último disco do Toquinho&Vinícius” (RUFFATO, 2000, p. 94) para presentear a amada. Joãozinho cria coragem e, após entregar-lhe o presente, pede-lhe em namoro. Laura o surpreende com a notícia de que ela e o Jacinto já estavam namorando. Foi nesse momento que a frustração amorosa fora apresentada a Joaozinho e, desde então, não o deixou.

Jacinto surpreendeu a todos, principalmente a Laura, quando comunica que se engajara na Marinha Mercante. No seu íntimo Joãozinho se questionava: “ele é um sujeitinho mirrado... um bostinha... Como... como?” (RUFFATO, 2000, p. 98). Em Laura a admiração por Jacinto crescia a cada dia, ainda mais após receber as cartas postadas na Itália, na Grécia, no Egito.

Olmi (2006, p. 15) considera que os testemunhos pessoais de uma experiência podem ser catalogados na metodologia bibliográfica. Nesse sentido, a carta escrita pelo protagonista João é que instiga a retomada do seu próprio passado, apresentando características próprias do texto biográfico. Nesse aspecto, há aproximações entre as cartas e os diários, oriundas do tom confessional, do desejo de narrar suas histórias. Para Foucault (1922) ambos se apresentam como espaços privilegiados para o exame de consciência. Rocha (2012, p. 24) observa que,

como os diários, as cartas não pretendem “deixar descortinar pelo olhar curioso e bisbilhoteiro dos outros e para tal ficam escondidas, guardadas em segredo [...] para a posteridade [...] como companheiros, amigos e lembranças de quem já fomos um dia”.

A narrativa memorialística que invade as páginas do conto são estratégias narrativas empregadas pelo próprio autor. O conto não é uma autobiografia, mas constrói-se a partir da escrita biográfica do personagem João, que se dá através da voz do narrador e da voz do próprio João, por meio da carta que escreve para Laura ou das suas lembranças. É por meio destas lembranças trazidas à baila, voluntária ou involuntariamente, que o protagonista experiencia um momento de autoanálise. Para Olmi, a escrita de um diário, de um memorial, de uma carta é utilizada para “aumentar a própria autoestima, mas acima de tudo, para cuidar de si, para construir e acompanhar o desenvolvimento e as mudanças da própria identidade” o que possibilita ao ser humano “conhecer-se melhor.” (OLMI, 2006, p. 14).

De acordo com Demétrio, a autobiografia é um assunto de adulto, e nos tornamos adultos no momento em que, além de administrarmos nossas obrigações e responsabilidades, temos capacidade de organizar nosso passado mentalmente e refletir sobre o presente. Demétrio define a idade adulta como

[...] o tempo dos primeiros balanços e, por isso, o tempo de algumas depressões. Mas é também o tempo da maturidade – isto é, o que há mais de complexo que podemos alcançar e em termos de plenitude e densidade de problemas - pois as lembranças pedem para serem recompostas e diferenciadas com base em alguns critérios. [...]. Ao nos ocuparmos de redesenhar a nós mesmos, e ao identificarmos nossos estilos de vida, acabamos descobrindo que a mente simplesmente não aceita de bom grado ou rejeita as recordações, mas as reordena estabelecendo prioridades e marginalidades, proporções e complementos, classes e tipos (DEMÉTRIO, 1996, pp. 21-23).

É na fase adulta que João torna-se capaz de retomar o seu passado, no que diz respeito à sua paixão por Laura.

Um pequeno quarto de hotel é o espaço físico onde João se encontra no momento da escrita da carta. A voz do narrador revela-nos a angústia sentida por João ao escrever a carta, quando vivencia momentos de enfrentamento com seu passado. Na tentativa de fugir, de esvair-se daquele ambiente conflituoso que o envolvia, João se divide entre escrever a carta à mesa, fumar um cigarro à janela e beber alguns goles de uísque no copo americano.

Os espaços físicos no interior e exterior do quarto metaforizam a situação emocional vivenciada pelo protagonista. Na descrição do quarto de hotel, por exemplo, descobrimos que “uma enorme mancha negra, de mofo, escorria pela parede descascada. Pendendo do teto, o

bocal de uma lâmpada de quarenta velas, envolvido pela frágil seda de teias de aranha” (RUFFATO, 2000, p. 83). Portanto, o “mofo” e as “teias de aranha” representam metaforicamente a passagem do tempo. Um ambiente corroído pelo tempo é o local propício para João promover um reencontro consigo mesmo por meio de um processo analítico contínuo de idas e vindas entre passado e presente.

O quarto de hotel torna-se fatigante para João devido ao espaço reduzido, ao mofo e às teias de aranhas. Mas, a sua própria condição emocional o fatiga, pois o enfrentamento com o passado, normalmente, é doloroso, angustiante e provoca inquietações.

Quando abre a janela para fumar um cigarro, respirar um ar puro e escapar do sufoco emocional no qual se encontrava, sua tentativa é frustrada ao sentir-se sufocado pela fumaça advinda dos “canos de descarga dos ônibus, caminhões, carros e motocicletas que congestionavam a Avenida São João” (RUFFATO, 2000, p. 83). Se, por um lado, dentro do quarto não era fácil enfrentar suas frustrações e decepções oriundas do passado, a rua também não se apresentava acolhedora para João. Num ritmo eufórico, a vida continua, mas ele não se encontra com espírito preparado para enfrentá-la.

Em uma das vezes que abre a janela para observar a Avenida São João, observa que o “movimento da avenida tinha minguado. Uns poucos ônibus paravam nos pontos quase vazios. Raros carros transitavam, desapressados. A noite abancara-se, definitiva” (RUFFATO, 2000, p. 86). Essa penumbra que toma conta da cidade é, de certa forma, mais coerente com o momento vivenciado por João, em que tudo lhe parecia confuso, nebuloso, inquietante. Apesar de ser tomado por um enorme cansaço, “algo o impelia a continuar a carta, a sentar-se naquela cadeira desconfortável, naquela mesinha minúscula, pegar a caneta *bic* e garranchar nas folhas brancas” (RUFFATO, 2000, p. 96).

Narra, na carta que escreve para Laura que foi numa manhã de ressaca, depois de ter tomado um porre na noite anterior por ter sido demitido do banco, que João tomou a decisão de ir em busca do Jacinto, porque “ele foi extremamente importante para nossas vidas” (RUFFATO, 2000, p. 97). Tamanha importância, que estava disposto a gastar todo o fundo de garantia para satisfazer esse sonho. Foi para Santos, onde Jacinto havia dito que iria morar.

Na carta revela: “Fui para Santos. E nem precisei procurar muito. A sorte estava do meu lado. Ou o azar? Achei ele, Laura, depois desses anos todos, você acredita? Achei ele” (RUFFATO, 2000, p. 99).

Por conta do destino ou coincidência, para fugir da chuva quando andava sem rumo pelas ruas de Santos, entrou num botequim. Sentou-se e pediu uma cerveja. Fora servido por um homem magro, calvo, bigode ralo, olhos ariscos e dedos amarelados de nicotina. Ao observá-lo atentamente sentiu um calafrio, seria este o Jacinto? Não poderia ser. Após alguns minutos João toma coragem e dirige-se ao homem dizendo-lhe:

Desculpe-me ... Er...Hum... O senhor... o senhor me lembra... uma... Quer dizer... o senhor... me lembra... uma pessoa que não vejo... assim... há muito tempo... e... [...] Encabulado, João disse: _ Desculpe... mas é que eu tinha um amigo... de infância... o Jacinto... que... (RUFFATO, 2000, p. 101).

Nesse momento o homem levanta os olhos e diz: “Peraí! Manteiga? Manteiga!” (RUFFATO, 2000, p. 101). A felicidade tomou conta dos corações dos dois amigos de infância, apertaram-se as mãos e brindaram o reencontro. Conversaram sobre a turma e acabaram falando sobre a Laura. Jacinto confessa que tudo era uma brincadeira, as cartas que enviara a Laura, postadas dos diversos lugares do mundo, a Marinha, as viagens: “É... inventei tudo... Pra te dizer a verdade, nunca pus os pés num navio...” (RUFFATO, 2000, p. 102). Explica que escrevera cinco cartas e entregara a um marinheiro que postou cada uma delas em um lugar diferente. “Não é engraçado?” (RUFFATO, 2000, p. 103). João conta que Laura passou anos esperando-o. E, ao descobrir que Jacinto havia se casado e tinha três filhos... impulsionado pela raiva, João revela:

Eu não casei... Você sabia que eu era apaixonado com Laura? [...] Pela primeira vez sentiu vontade de matar alguém [...] Fechou o punho da mão direita e, com toda a sua força, desfechou um murro no rosto do Jacinto. O corpo ressequido tombou por detrás do balcão [...] João chegou à porta, havia estiado. Saiu para a rua, vagarosamente (RUFFATO, 2000, pp. 103-104).

No hotel em que João se encontrava escrevendo a carta para Laura, após uma tentativa sem êxito de fazer uma ligação na recepção, retorna para o quarto, abre novamente a janela, engole mais um copo de uísque, acende um cigarro e observa a avenida vazia. “Foi até a mesinha, arrancou as páginas manuscritas do bloco de cartas, rasgou-as, jogou-as na lixeira. E seu corpo desmoronou sobre a cama”. (RUFFATO, 2000, p. 104).

Philippe Lejeune (2008, p. 252) critica o interlocutor André ao acusá-lo de copiar as cartas que escrevia e denomina como “mania horrível” o ato de conservar uma cópia de suas cartas, dando apenas a metade ou absolutamente nada do objeto. Semelhantemente, para Olmi, a habilidade de narrar do indivíduo está pautada na memória, pois “é a única que pode

religar-nos a um passado ao qual pertencemos e do qual derivam nossas atitudes, nossas crenças e descrenças, nossos mitos, nossa capacidade de recriar mundos possíveis nos quais habitamos no passado” (OLMI, 2006, p. 30).

A atitude, do protagonista do conto *Carta a uma jovem senhora*, de rasgar a carta que escrevera para Laura, demonstra que a finalidade da escrita estava pautada na autorrepresentação. Portanto, a escrita da carta serve-lhe para solidificar o passado e criar um presente significativo.

No texto “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1914) apresenta uma importante reflexão sobre o processo de cura através do papel do analista ao descobrir, para o paciente, suas resistências que lhe são desconhecidas. Mediante um processo psicanalítico, o paciente consegue relatar as situações e os nexos esquecidos. Esse fenômeno ocorre porque

[...] o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente, sem saber que o faz (FREUD, 2010, pp. 199-200).

Portanto, a “compulsão de repetir”, demonstrada pelo analisando, substitui o impulso à recordação. Segundo o psicanalista, “quanto maior a resistência tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir)”. Dessa forma, põe a repetição ao lado da resistência, pois o “recordar ideal do que foi esquecido corresponde, na hipnose, a um estado em que a resistência foi totalmente afastada” (FREUD, 2010, p. 201).

Para Freud (2010, p. 202), o analisando, ao vivenciar sua doença “não como assunto histórico, mas como um poder atual”, possibilita o trabalho terapêutico, que “em boa parte consiste na recondução ao passado”. Com o protagonista do conto analisado foi exatamente esse processo de recondução ao passado que lhe possibilitou alcançar a cura, deixando suas frustrações e inquietações amorosas na carta que, após escrita, fora picada e lançada ao cesto de lixo.

Apesar de diversas tentativas de fugas experimentadas por João, ao final da leitura do conto, constata-se que ele conclui a carta narrando, ainda que não todo o seu passado, o suficiente para exprimir os sentimentos que o incomodavam.

Conforme Olmi, a narrativa como instrumento capaz de produzir mudanças através de uma reestruturação da experiência “começa a encontrar um estatuto específico no âmbito das artes-terapias” (OLMI, 2006, p. 35). Para o protagonista do conto de Ruffato a carta serviu-lhe como instrumento de cura, desempenhando papel terapêutico. Foi por meio do

enfrentamento de seus traumas que João pode enfim adormecer e descansar depois de uma sufocante noite de enfrentamento com seu passado, com tudo aquilo que lhe ocasionava dor e desespero. Podendo, com o nascer de um novo dia, iniciar também uma nova forma de encarar a vida e construir o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, ALFREDO. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CHALHUB, Samira. *A meta-linguagem*. São Paulo: Ática, 1986.
- DIAZ, Brigitte Diaz. *L'épistolaire ou la pensée nômade* _ Formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIXe. siècle. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 1992, pp. 129-160.
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar [1914] - Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. In: *Obras Completas [1911-1913]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 193-209.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. de Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. 2012. 426 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- RUFFATO, Luiz. *Carta a uma jovem senhora*. In: (os sobreviventes). São Paulo: Boitempo, 2000, pp. 81-104.
- SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: A correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

Recebido em 15/02/2015.

Aceito em 04/04/2015.